

PROJETO ACESSIBILIDADES: A INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL*

ISABEL MARIA DE BARROS DIAS**

DANIELA MELARÉ VIEIRA BARROS***

ISABEL ROBOREDO SEARA****

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Acessibilidades foi criado na Universidade Aberta em outubro de 2008. Desde esta data tem desenvolvido a sua ação em ambiente virtual, tendo por objetivo ajudar e promover a colaboração entre estudantes com dificuldades físicas e sensoriais de acesso aos cursos *online* da UAb. O presente artigo é constituído por duas partes. Na primeira, apresenta-se o projeto e o perfil dos estudantes que o integram. Na segunda parte, a ação e importância do projeto é exemplificada com a apresentação de casos específicos de resolução de dificuldades que resultaram no desenho de procedimentos e de estratégias conducentes a uma maior inclusão em ambiente tecnológico de ensino a distância. O perfil dos estudantes e as suas principais necessidades foram identificados graças à análise quantitativa e qualitativa das respostas a questionários *online*, e à observação de reflexões e debates ocorridos no espaço de diálogo do projeto acessibilidades, na plataforma de ensino *Moodle*.

Três grandes núcleos de questões foram identificados: 1) a interação docente / estudante e a inerente identificação e valorização das situações que justificam adaptações didáticas e/ou curriculares, 2) o acesso a materiais de estudo adaptados às necessidades dos estudantes, e 3) a adequação do espaço físico e temporal das provas presenciais aos diferentes estudantes. A resposta aos problemas identificados induziu o estabelecimento de diretrizes que procuraram encontrar a justa medida entre a uniformização de protocolos ou procedimentos e o primado da flexibilidade e da adaptabilidade aos casos concretos.

Foram promovidas estratégias específicas, de fácil realização e cruzadas por múltiplas vias para evitar perdas de informação, por forma a ampliar as opções didáticas e as possibilidades de acesso ao ensino – aprendizagem de pessoas com necessidades especiais, visando, assim, o cumprimento do objetivo de uma docência *online* inclusiva e sem barreiras. Deste modo, a enfa-

* Este texto é uma nova versão do trabalho intitulado: Projeto Acessibilidades: Modelo de Inclusão no Ensino Superior a Distância (DIAS; MOREIRA; QUINTAS-MENDES, 2016, p. 75-98). Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5513>.

** Universidade Aberta – Lisboa – Portugal.

*** Universidade Aberta – Lisboa – Portugal.

**** Universidade Aberta – Lisboa – Portugal.

se do presente texto recai em temas como a educação a distância, *e-learning*, inclusão, acessibilidades e ensino superior.

O acesso ao conhecimento, no sentido mais global do termo, é unanimemente sublinhado como uma chave do desenvolvimento social, económico e cultural, em estreita relação com a autonomia e a inclusão das pessoas na sociedade, promovendo uma identidade coletiva.

A universidade tem um papel relevante na transmissão e difusão do saber, pelo que todos e quaisquer impedimentos na possibilidade de aceder ao conhecimento, ao invés de promoverem o crescimento e desenvolvimento sociais, configuram fatores de manifesta desigualdade de oportunidades. No campo universitário também há estudantes expostos a este risco e, nesse sentido, no quadro específico do *e-learning*, reveste-se da maior importância a facilitação do acesso ao conhecimento e o descortinar de respostas inovadoras para necessidades específicas pois, como Jaeger (2012) sublinha, *for persons with disabilities, unless technological design and implementation meaningfully focus on inclusion, the internet may become a new means of increased marginalization in society.*

Por outro lado, alguns cursos concebidos e desenhados para ambiente virtual não têm em consideração algumas especificidades e necessidades especiais, tal como reportam Roberts, Crittenden e Crittenden (2011), o que exponencia as desigualdades nas oportunidades na aprendizagem.

Seale e Cooper (2010) e Seale (2013) descrevem a acessibilidade neste contexto. De uma forma geral, a acessibilidade relacionada com o *e-learning* (ambientes de aprendizagem virtual, repositórios digitais, fóruns de discussão) é um assunto importante e que deve ser realçado e divulgado, na medida em que os estudantes desconhecem muitas das possibilidades e as vantagens de múltiplas ferramentas tecnológicas que ajudam a colmatar as barreiras tal como o *software* “Jaws”, um leitor de ecrã de grande utilidade para portadores de deficiências visuais, bem como o DOSVOX e o Virtual Vision, leitores de ecrã em português e, para os portadores de deficiências auditivas, algumas aplicações da Apple que facilitam a interação.

Sachs e Schreuer (2011) assinalam igualmente a relevância da técnica na promoção de uma maior acessibilidade, o que permite que estudantes com necessidades especiais possam escolher um percurso universitário, em ambiente de *e-learning*, e que o realizem com sucesso. A flexibilidade dos conteúdos *online* é assim um forte facilitador da acessibilidade, tal como foi recentemente referido por Mike Kent (2015):

Learning material that is made available online can have far more options for accessibility than analogue content, electronic text can be read aloud and translated to braille, audio files can be electronically transcribed as text. Finally the eLearning environment can provide students with a much

greater degree of flexibility, lectures can be listened to when circumstances allow rather than at a set time and place.

Acresce que este sucesso tem impacto, não só nos próprios estudantes, mas traduz-se ainda, comprovadamente, numa influência positiva para futuros estudantes.

2 APRESENTAÇÃO DO PROJETO ACESSIBILIDADES E DOS ESTUDANTES INTEGRADOS

O Projeto Acessibilidades foi criado na Universidade Aberta (UAb) no momento em que esta instituição implementou um novo modelo pedagógico, assente na lecionação exclusivamente *online*. As alterações realizadas trouxeram à luz graves problemas de literacia digital entre os estudantes inscritos. Por maioria de razão, pensou-se que os estudantes com necessidades educativas especiais enfrentariam ainda maiores dificuldades.

Acrescia o facto de que, até 2008, os estudantes com necessidades educativas especiais (doravante NEEs) inscritos na UAb eram apoiados casualmente: os Serviços Académicos procuravam assegurar as condições de acesso necessárias em situação de exame (presencial) e os docentes davam o apoio científico possível, mas sempre de modo autónomo e não enquadrado institucionalmente.

Dados estes pressupostos, por iniciativa da então Coordenadora do LE@D (Laboratório de Educação a Distância), Prof^a. Alda Pereira, foi constituído um grupo multidisciplinar que tinha por missão identificar as necessidades especiais dos estudantes inscritos na UAb e envia-los esforços com vista a facilitar a acessibilidade desses estudantes aos cursos ministrados.

A Universidade Aberta é uma universidade pública de ensino a distância em que todos os cursos são lecionados em regime de *e-learning*, quer os que conferem graus académicos (licenciatura, mestrado e doutoramento), quer ainda todos os restantes cursos de formação contínua e profissional. O modelo educativo da Universidade Aberta assenta em quatro grandes linhas: a aprendizagem centrada no estudante, o primado da flexibilidade, a valorização das interações entre docente-estudante e entre colegas e o princípio da inclusão digital.

Estas linhas norteiam a organização do ensino, o papel do estudante e do professor, a planificação, conceção e gestão das atividades de aprendizagem a propor aos estudantes, a tipologia de materiais a desenvolver e a natureza da avaliação das competências adquiridas. Especialmente a quarta linha de força da atuação pedagógica do modelo da Universidade Aberta pauta-se pela inclusão digital, entendida como a facilitação do acesso aos adultos que pretendam frequentar um programa numa instituição superior e não tenham ainda adquirido desenvoltura na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (PEREIRA *et al.*, 2007).

Por conseguinte, podemos afirmar que o primado da inclusão digital se encontra na própria essência da Universidade Aberta. Esta preocupação torna-se especialmente premente quando em causa estão pessoas com necessidades especiais. Assim, na primeira fase do Projeto Acessibilidades, foram realizadas entrevistas telefónicas individuais aos estudantes com possíveis dificuldades de acesso a fim de identificar quais as suas necessidades mais prementes.

Tendo-se constatado que muitos destes estudantes podiam ser considerados inoícluídos, foi decidido criar um espaço na plataforma Moodle que servisse de local de encontro e de debate entre os estudantes com necessidades especiais e a equipa do Projeto. Ao longo do tempo em que este espaço tem estado ativo (desde finais de 2008), o mesmo, tem-se revelado de grande utilidade. Isso porque tem possibilitado, não só a identificação das necessidades que vão surgindo (e a consequente tomada de medidas que permitam ultrapassá-las), mas também a divulgação de informações específicas. Há ainda a importantíssima entreaajuda entre os estudantes com necessidades educativas especiais, pois os alunos mais antigos e os antigos estudantes estimulam e ajudam os colegas que a cada ano são integrados no espaço deste projeto.

Esta experiência vai assim ao encontro da ideia defendida por vários autores (ASUNCION; FICHTEN; FERRARO; BARILE; NGUYEN; WOLFORTH, 2010; FICHTEN; NGUYEN; BARILE; HAVEL, 2012; FICHTEN; FERRARO; ASUNCION; CHWOJKA; BARILE; NGUYEN; KLOMP; WOLFORTH, 2009) de que o *e-learning* promove a inclusão dos estudantes com vários tipos de deficiência. No Projeto Acessibilidades, esta ideia é comprovada a cada ano que passa. Com efeito, este sistema de ensino-aprendizagem tem grandes potencialidades para a inclusão.

No entanto, é importante também não descurar as variáveis que as deficiências podem trazer, possíveis problemas como os que são enfatizados por alguns autores (FERRARO; FICHTEN; ASUNCION; BARILE; NGUYEN; MARTINIELLO; BUDD; WOLFORTH; MALIK, 2008), que também avançam com sugestões de atuação que permitem colmatar ou diminuir eventuais dificuldades de acesso.

Em finais de 2011 foi realizado um inquérito com vista a uma nova aferição de vários elementos, como o perfil dos estudantes integrados, as suas preocupações e necessidades mais prementes e a sua perceção da ação e da importância do Projeto Acessibilidades. Para além deste primeiro inquérito, no ano letivo de 2013/2014 foi realizado um segundo levantamento de informações com vista a dar resposta a um questionário proposto pelo “Grupo de Trabalho para o Apoio aos Estudantes com Deficiência no Ensino Superior” (GTAEDES) no qual a Universidade Aberta detalhou a caracterização dos seus estudantes com NEEs.

Com bases nestes dois documentos apresentamos a seguir um perfil dos estudantes inscritos no projeto.

2.1 PERFIL DOS ESTUDANTES QUE PARTICIPAM NO PROJETO

Passamos a caracterizar os estudantes do Projeto Acessibilidades. Para tal, apresentamos alguns quadros com informações gerais sobre os participantes, que permitem perceber quem é diretamente atingido por esta iniciativa e, consequentemente, que também facilitam a compreensão da importância do projeto.

Começamos por apresentar um Quadro com a distribuição dos estudantes com NEEs da UAb, de acordo com a tipologia proposta pelo GTAEDES:

Quadro 1 – Quantidade de estudantes divididos por tipos de necessidades educativas especiais (resposta ao inquérito do GTAEDES). Trata-se de uma tabela com informações distribuídas em 4 colunas e 10 linhas. Sendo a primeira coluna com o tema Necessidades educativas especiais e as outras 3 colunas com datas de períodos anuais, partindo do período de 2011 e 2012 a 2013 e 2014. Já as 10 linhas possuem a denominação de cada necessidade educativa especial.

Necessidades educativas especiais	2011/12	2012/13	2013/14
Deficiência Auditiva	5	3	5
Deficiência motora	27	19	+30
Deficiência Visual	13	9	11
Dislexia	0	0	0
Doenças crónicas (exemplo: epilepsia, diabetes, asma)	6	5	10
Doenças do foro psiquiátrico (exemplo: depressão, esquizofrenia, fobias)	4	7	5
Doenças ou problemas neurológicos	3	3	5
Espectro do autismo (autismo, síndrome de asperger)	0	0	0
Multideficiência	2	2	3

Fonte – As autoras (2020)

Graças a este quadro, podemos perceber que a grande maioria dos participantes do projeto tem como deficiência a condição motora, sendo a deficiência visual o segundo maior grupo, em número.

2.2 QUANTITATIVO DE ALUNOS POR DEFICIÊNCIA

Relativamente a idades:

Quadro 2 – Idades dos estudantes divididos por necessidades especiais (resposta ao inquérito do GTAEDS). Trata-se de uma tabela com informações distribuídas em 6 colunas e 10 linhas. Sendo a primeira coluna com o tema Necessidades educativas especiais e as outras 5 colunas com as faixas etárias distribuídas por períodos partindo do período etário de 17-24 a mais de 65 anos. Já as 10 linhas possuem a denominação de cada necessidade educativa especial.

Necessidades educativas especiais	17-24 anos	25-34 anos	35-49 anos	50-65 anos	+65 anos
Deficiência Auditiva	0	2	1	2	0
Deficiência motora	1	6	17	8	1
Deficiência Visual	0	2	7	2	0
Dislexia	0	0	0	0	0
Doenças crónicas (exemplo: epilepsia, diabetes, asma)	0	1	5	4	0
Doenças do foro psiquiátrico (exemplo: depressão, esquizofrenia, fobias)	0	2	2	1	0
Doenças ou problemas neurológicos	1	2	2	1	0
Espectro do autismo (autismo, síndrome de asperger)	0	0	0	0	0
Multideficiência	0	1	2	0	0

Fonte – As autoras (2020)

As idades variam, mas a grande maioria está na faixa etária dos 35 aos 49 anos. Fase adulta, de estudos e de desenvolvimento profissional. Ressaltamos que a grande maioria deste público teve dificuldades no desenvolvimento dos estudos e portanto os tempos do acesso ao ensino superior são diferenciados.

2.3 CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DE CURSOS A DISTÂNCIA

Relativamente aos cursos em que estão matriculados na Universidade Aberta:

Quadro 3 – Cursos de maior número de estudantes com necessidades educacionais especiais (resposta ao inquérito do GTAEDS). Trata-se de uma tabela com informações distribuídas em 2 colunas e 10 linhas. Sendo a primeira coluna com o tema Necessidades educacionais especiais e a outra com a denominação dos Cursos em que estes estudantes estão inscritos. Já as 10 linhas possuem a denominação de cada necessidade educacional especial tratada relacionada com os cursos em que os estudantes estão inscritos.

Necessidades educacionais especiais	cursos
Deficiência Auditiva	Ciências Sociais, Ciências da Informação, Gestão, História etc.
Deficiência motora	Ciências Sociais, Licenciatura em Educação, Gestão História, Informática etc.
Deficiência Visual	Ciências Sociais, Gestão etc.
Dislexia	0
Doenças crônicas (exemplo: epilepsia, diabetes, asma)	Ciências Sociais, estudos Europeus etc.
Doenças do foro psiquiátrico (exemplo: depressão, esquizofrenia, fobias)	Ciências Sociais, Línguas Aplicadas etc.
Doenças ou problemas neurológicos	Ciência da Informação, Ciências Sociais etc.
Espectro do autismo (autismo, síndrome de asperger)	0
Multideficiência	Ciência da Informação, História etc.

Fonte – As autoras (2020)

As áreas de Ciências Sociais, Ciências da Informação, Gestão e História são as mais procuradas por estes estudantes. Áreas que são amplas e com várias saídas profissionais. Estes cursos também são procurados por muitas pessoas que já se encontram no mundo do trabalho e que procuram aperfeiçoar-se nas suas áreas e campos de atuação.

Quando interrogados sobre as razões que presidiram à escolha da UAB para a realização dos seus cursos, agora no inquérito interno realizado em 2011, a maioria dos estudantes destaca os seguintes argumentos e razões:

- ▶ Realizar um curso superior é uma meta profissional, uma mudança de rumo na vida profissional.
- ▶ Pelas dificuldades físicas só é possível estudar com este método / sistema de ensino não presencial / modalidade *e-learning*.
- ▶ A flexibilidade na gestão do tempo / trabalho diário constitui uma boa opção, adequável ao ritmo de vida de cada um.

- ▶ A não necessidade de deslocação para assistir a aulas constitui uma grande vantagem quando se possui fraca mobilidade.
- ▶ A UAb e o ensino a distância são as vias possíveis para alcançar valorização pessoal/para realizar um sonho de vida.
- ▶ Nesta universidade encontram-se pessoas que ajudam a ultrapassar as dificuldades, o que ajuda na motivação.

As mudanças pessoais que se repercutem em objetivos como alcançar uma meta profissional através de um curso superior constituem o principal motivo para procurar uma opção de ensino superior. A escolha da Universidade Aberta assentou especificamente no reconhecimento de que esta instituição, graças à sua metodologia de ensino-aprendizagem, facilita a frequência de um curso.

As respostas apresentadas, especialmente eloquentes na valorização do *EaD/e-learning* como metodologia especialmente inclusiva, sublinham igualmente a vontade destes estudantes de progredir, tanto nas suas carreiras, como nos seus conhecimentos.

3 EXEMPLOS DE ATENDIMENTO DA DIVERSIDADE

São dois os princípios de base que norteiam o Projeto Acessibilidades. Por um lado, existe uma acentuada consciência de que a inclusão é a capacidade de aceitação das diversidades dos indivíduos, garantindo acesso igualitário às oportunidades, o que representa atualmente um dos principais desafios da sociedade, principalmente na área da Educação (TEIXEIRA; KUBO, 2008; UNESCO, 1990; UNESCO, 1994).

Por outro lado, valoriza-se a noção de que os aspetos facilitadores da aprendizagem das pessoas com NEEs são igualmente benéficos para os aprendentes em geral, não colidindo na sua génese. Especialmente esta ideia da acessibilidade como forma de facilitação da aprendizagem em geral amplia positivamente o conceito de necessidades especiais na educação.

Paralelamente, é importante prestar atenção ao facto de que cada estudante, tenha ele/ela necessidades educativas especiais ou não, aprende de forma diferente, o que conduz à preocupação com as especificidades de cada um. O Projeto Acessibilidades segue esta direção, ao mesmo tempo que possibilita a colaboração como forma de aprendizagem e valoriza as competências individuais, na medida em que dá autonomia aos estudantes para dialogar e interagir uns com os outros e com antigos estudantes.

Por isso, o Projeto Acessibilidades é inovador e singular pela maneira como aborda a diferença. Com efeito, neste projeto são incluídas pessoas com vários tipos e graus de dificuldade de acesso e com necessidades muito distintas. O que se pretende é não só uma ajuda direta, por parte dos elementos da Universidade Aberta que integram o projeto, mas também (e sobretudo) estimular a entajuda entre os vários estudantes integrados.

O Projeto Acessibilidades tornou-se, assim, um espaço de grande difusão e interação de informações técnicas e de ajuda mútua. Além disso, também constitui uma plataforma de monitorização e de identificação de possíveis problemas que interferem na aprendizagem. O intuito é que os estudantes que integram o projeto possam cada vez mais ter condições para que os seus processos de ensino e aprendizagem se desenvolvam da melhor forma, indo-se ao encontro das suas especificidades.

Com base na análise das respostas ao inquérito realizado e na observação de reflexões e discussões ocorridas no espaço de diálogo do Projeto Acessibilidades, a equipa identificou três grandes núcleos de questões: 1) a interação docente / estudante e a inerente identificação e valorização das situações que justificam adaptações didáticas e/ou curriculares, 2) o acesso a materiais de estudo adaptados, e 3) a adequação do espaço físico e temporal das provas presenciais. Cada uma destas três questões foi objeto de reflexão, tendo a equipa optado por promover soluções diferenciadas e flexíveis.

3.1 A INTERAÇÃO DOCENTE / ESTUDANTE COM VISTA A EVENTUAIS ADAPTAÇÕES DIDÁTICAS E/OU CURRICULARES

Para fazer face a eventuais problemas de interação entre docentes e estudantes, a resposta que o Projeto Acessibilidades tem vindo a incentivar segue o lema: comunicar e dar a conhecer. Tem-se ainda privilegiado a comunicação cruzada, por forma a minimizar as possibilidades de perda de informação. Neste sentido, a equipa do Projeto elaborou um pequeno documento que disponibilizou aos coordenadores de curso que, por seu turno, o facultaram aos docentes dos vários cursos ministrados na UAb.

Neste documento, o projeto é apresentado e são sugeridos procedimentos de resposta a diferentes tipos de situação. O texto tem um discurso simples e objetivo, entrecortado por destaques, para que a sua consulta seja fácil e eficiente. São salientados os cuidados a ter com os documentos disponibilizados aos estudantes (nomeadamente os formatos mais acessíveis, detalhes que facilitam a leitura das páginas *Moodle*, caracteres a evitar...) e sugere-se que procedimentos ter nos casos em que é necessário proceder a adaptações pontuais, o que obriga a uma reflexão conjunta dos docentes com a coordenação do curso por forma a assegurar o mesmo nível de formação, mas mediante adaptações curriculares.

O documento de apoio a coordenadores e docentes produzido pelo Projeto Acessibilidades apresenta ainda vários contactos aos quais é possível recorrer (do Centro de Documentação e dos elementos do próprio Projeto) e refere alguns protocolos de comunicação. Um desses protocolos consiste precisamente na segunda via de comunicação implementada pelo projeto: anualmente, é solicitada aos Serviços Académicos a lista dos estudantes que, no ato de matrícula, referiram a necessidade de apoio especial.

Esta lista é disponibilizada às Coordenações de cursos que, por sua vez, a publicitam nos fóruns que mantêm com os docentes dos seus cursos. A grande maioria das patologias indicadas pelos estudantes no ato de matrícula não obriga a cuidados especiais por parte dos docentes. Porém, considera-se que é importante que coordenadores e docentes saibam quem são os estudantes que, nos seus cursos, poderão precisar de algum apoio especial.

A pedido dos coordenadores de curso, esta lista pode ainda ser filtrada e detalhada, podendo apresentar as unidades curriculares em que determinados estudantes se inscreveram em cada semestre. A lista serve ainda para o secretariado do Projeto identificar novos estudantes com NEEs e convidá-los a integrar o espaço *Moodle* do Projeto Acessibilidades.

Em sentido inverso, se um docente detetar que um estudante revela ter necessidades educativas especiais, mesmo que não o tenha declarado no ato de matrícula, envia o número e nome desse estudante para o *email* do projeto para que o secretariado possa subsequentemente contactar o aluno em causa e integrá-lo no espaço Acessibilidades.

Porque muitas das patologias indicadas no ato de matrícula não interferem com o processo de ensino-aprendizagem *online*, o projeto Acessibilidades promove ainda uma quarta linha de comunicação. Esta via consiste em alertar os estudantes inscritos no projeto para o facto de que devem dar a conhecer a sua situação aos respetivos docentes, sempre que considerem que precisam de alguma atenção especial. Para tal, foi criada uma minuta com indicação da informação que o estudante deve passar aos seus docentes, adaptável caso a caso.

Desta forma, o estudante que considera que precisa de atenção particular por parte dos seus docentes, envia-lhes informação sobre si próprio e sobre as suas necessidades especiais. Esta informação é enviada por mensagem privada, com conhecimento para o projeto que, seguidamente, disponibiliza o seu apoio aos docentes envolvidos.

Ao cruzar informação *top-down* e *down-top*, a equipa do Projeto Acessibilidades considera ter criado uma malha suficientemente fina para que não se perca qualquer informação e para que todos os que precisarem de apoio o possam obter. Neste processo, é de grande importância a elaboração de documentos de sensibilização e de minutas que alertem para um leque de situações e para formas de atuação, bem como a necessidade de periodicamente relembrar informações, tanto às coordenações e aos docentes (envio das listas de alunos com NEEs), como aos estudantes (alertar para para que, se necessário, contactem os seus professores e lhes dêem a conhecer as suas histórias de vida e as suas necessidades).

Só quando sabem da existência de estudantes com NEEs nas suas turmas e estando despertos para os protocolos de atuação existentes é que os docentes podem avaliar os casos que se apresentam por forma a valorizar o

que deve ser valorizado e, se necessário, proceder a eventuais adaptações didáticas e/ou curriculares que se imponham.

3.2 O ACESSO A MATERIAIS DE ESTUDO ADAPTADOS

Materiais de estudo em formato acessível têm sido uma preocupação constante do Projeto Acessibilidades, desde a sua criação, pois este é um elemento importantíssimo para o bom sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Neste campo, a ajuda do Centro de Documentação da UAb tem-se revelado imprescindível, por um lado, pela pesquisa de materiais de estudo em formato acessível e, por outro lado, graças à digitalização pontual de materiais fundamentais para determinadas unidades curriculares.

Apesar de praticamente todos os materiais produzidos pela Universidade Aberta existirem em formato digital, podendo ser disponibilizados pelo Centro de Documentação a estudantes com necessidades educativas especiais, mediante pedido destes, é também verdade que os docentes recorrem a mais materiais de estudo, de diversa índole, para além dos produzidos pela Instituição, materiais estes que nem sempre se encontram em formatos acessíveis.

Com vista a minimizar este problema, o Centro de Documentação estabeleceu, em 2014, um protocolo de colaboração com a Biblioteca Sonora Digital da Biblioteca Pública Municipal do Porto (Câmara Municipal do Porto), cujo acervo documental passou a estar disponível aos estudantes do Projeto Acessibilidades da Universidade Aberta (mediante solicitação e atribuição de credenciais de acesso).

Para além do apoio disponibilizado pela UAb, o espaço *Moodle* do Projeto Acessibilidades tem também funcionado como plataforma de entreajuda. É comum um estudante integrado no projeto colocar uma mensagem onde indica as referências bibliográficas de que necessita para uma determinada unidade curricular e obter subsequentemente versões digitais, por parte do Centro de Documentação da UAb, mas também por parte de colegas que já realizaram a mesma unidade curricular ou antigos alunos que se mantêm no projeto por razões afetivas e porque consideram que podem ser uma mais-valia na ajuda aos colegas mais novos.

Como exemplo, refira-se uma antiga aluna do curso de Ciências da Informação e da Documentação que trabalha numa biblioteca onde se procede à adaptação de materiais *scripto* a suportes acessíveis a cegos, e que, mesmo depois de ter terminado o seu curso, se manteve no projeto e tem sido um elemento dinamizador do grupo pois frequentemente auxilia os demais colegas na obtenção de materiais em formato acessível.

O incentivo à entreajuda no quadro do espaço *Moodle* do Projeto Acessibilidades é uma das áreas de maior sucesso. Tem funcionado, não só ao nível da partilha de materiais de estudo, mas também como local onde os estudantes recém chegados à Universidade Aberta podem tirar dúvidas muito pontuais

sobre funcionalidades da plataforma ou sobre como fazer determinada ação (por exemplo, como submeter eletronicamente um instrumento de avaliação - *e-fólio*).

Este sucesso é também testemunhado pelo interesse que os antigos estudantes têm revelado ao manter-se associados ao espaço e ao facto de acorrerem sempre que se verifica um pedido de ajuda, por mais simples que este seja.

3.3 A ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E TEMPORAL DAS PROVAS PRESENCIAIS

A situação de prova presencial é, por norma, potencialmente stressante, e poderá sê-lo ainda mais quando o estudante tem limitações físicas e/ou sensoriais de acesso. Tendo consciência deste facto, bem como da variedade de perfis e de situações possíveis, o Setor de exames estabeleceu uma lista de facilidades que poderia disponibilizar aos estudantes da Universidade Aberta em situação de exame.

Esta tipologia vai desde cuidados a ter por parte do professor vigilante da prova (por exemplo, chamar em voz mais alta um estudante que tenha dificuldades de audição) até ao assegurar de condições bastante mais específicas, como o acesso a estudantes com deficiências motoras ou com necessidades de locomoção especiais, ou a realização de exames em computador e com o apoio de leitores de ecrã para estudantes cegos e amblíopes.

A indicação das especificidades de cada estudante em situação de prova presencial é indicada no início do ano aos Serviços Académicos, porém, pode ser alterada caso o estudante verifique que as condições que escolheu não são as mais adequadas ao seu caso. Nestas situações, o espaço *Moodle* do Projeto Acessibilidades tem servido como plataforma de aconselhamento e de esclarecimento de dúvidas, com vista a otimizar o encontro entre as necessidades específicas dos diferentes estudantes e as condições de exame que a UAb pode oferecer.

Tem-se procurado normalizar procedimentos. Porém, tem também havido uma atenção especial aos indivíduos concretos e aos casos específicos de cada estudante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Acessibilidades apresenta-se, assim, como uma estrutura especialmente flexível e adaptável, que procura sintonizar a uniformização de protocolos e procedimentos, com a atenção que os casos específicos exigem com vista a dar resposta aos problemas identificados. O projeto possui um pequeno espaço visível (o seu espaço de interação no *Moodle*) por detrás do qual se move uma teia de contactos e de iniciativas, onde umas poucas pessoas envidam esforços, de modo célere e eficaz, com vista a articular o estabeleci-

mento de diretrizes gerais com o primado da flexibilidade e da adaptabilidade aos casos concretos.

Foram promovidas estratégias específicas, de fácil realização e cruzadas por múltiplas vias para evitar perdas de informação, de modo a ampliar as opções didáticas e as possibilidades de acesso ao ensino –aprendizagem de pessoas com necessidades especiais.

Trata-se de um trabalho discreto mas extremamente gratificante, onde cada pequena vitória é um grande passo no extenso caminho com vista ao cumprimento do objetivo maior de uma docência *online* inclusiva e sem barreiras. Mediante a experiência que o grupo do Projeto Acessibilidades já adquiriu, outros desafios poderão perfilar-se, nomeadamente como fazer chegar a nossa ação a populações cujo acesso à *Internet* é limitado (caso de estudantes presos).

Uma segunda questão a ponderar será a inserção no Projeto Acessibilidades de estudantes que não tenham NEEs como mentores e auxiliares dos colegas. Finalmente, haverá ainda que aperfeiçoar as vias de comunicação com a sociedade civil por forma a fazer chegar a todos os possíveis interessados informações sobre o apoio que a UAb disponibiliza aos estudantes com NEEs por forma a que todos os que sonham continuar a estudar e a aprender o possam fazer, independentemente das suas condições físicas ou sensoriais.

REFERÊNCIAS

ASUNCION, J. V. *et al.* Multiple perspectives on the accessibility of eLearning. **Canadian Colleges and Universities Assistive Technology Journal**, [S. l.], v. 22, no. 4, p. 187-199, 2010. Disponível em: <http://www.adaptech.org/cfichten/abMeetingTheeLearningAndTheComputer.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2013.

DIAS, Paulo; MOREIRA, Darlinda; QUINTAS-MENDES, António (coord). **Práticas e cenários de inovação em educação online**. Lisboa: Universidade Aberta, 2016. E-book. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5513>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FERRARO, V.; FICHTEN, C. S.; ASUNCION, J. V.; BARILE, M.; NGUYEN, M. N.; MARTINIELLO, N.; BUDD, J.; WOLFORTH, J.; MALIK, R. Meeting the learning and the computer and information technology needs of postsecondary students with visual impairments. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LOW VISION, 9., Montreal. **Proceedings...** Quebec: [s. n.], 2008.

FICHTEN, C. S.; FERRARO, V.; ASUNCION, J. V.; CHWOJKA, C.; BARILE, M.; NGUYEN, M. N.; KLOMP, R.; WOLFORTH, J. Disabilities and e-Learning Problems and Solutions: An Exploratory Study. **Educational Technology & Society**, [S. l.], v. 12, no. 4, p. 241–256, 2009. Disponível em: <http://www.adaptech.org/pubs/abDisabilitiesAndELearningProblems.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

FICHTEN, C. S.; NGUYEN, M. N.; BARILE, M.; HAVEL, A. L'Accessibilité Universelle en Pédagogie: des avantages pour toutes et pour tous. **Pédagogie Collégé**, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 20-22, 2012. Disponível em: <http://www.adaptech.org/pubs/BarileCollabVol254.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

HOLLIER, S. Sociability. Social Media for People with a Disability. **Media Access Australia**. [S. l.], 2012. Disponível em: <http://mediaaccess.org.au/online-media/social-media>. Acesso em: 10 jul. 2015.

INGENO, L. **Faculty responsible for making online materials accessible for disabled students**, [S. l.]: Inside Higher Ed, 24 June 2013. Disponível em: <http://www.insidehighered.com/news/2013/06/24/faculty-responsible-making-online-materials-accessible-disabled-students>. Acesso em: 10 jul. 2015.

JAEGER, P. T. **Disability and the Internet**. Boulder and London: Lynne Rienner Publishers, 2012.

KENT, Mike. Disability and eLearning: Opportunities and Barriers, **Disability Studies Quarterly**, [S. l.], v. 35, no. 1, 2015. Disponível em: <http://dsqds.org/article/view/3815/3830>. Acesso em: 10 jul. 2015.

MANTOAN, M. T. E. **Todas as crianças são bem-vindas a escola**. [S. l.]: CEDI, 2007. Disponível em: <http://www.proinclusao.org.br/textos.html>. Acesso em: 8 mar. 2013.

PEREIRA, A. *et al.* **Modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta: para uma universidade do futuro**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

ROBERTS, J. B.; CRITTENDEN, L. A.; CRITTENDEN, J. C. Students with disabilities and online learning: a cross-institutional study of perceived satisfaction with accessibility compliance and services. **Internet and Higher Education**, [S. l.], no. 14, p. 242-250, 2011.

SACHS, D.; SCHREUER, N. Inclusion of Students With Disabilities in Higher Education: Performance and Participation in Student Experiences. **Disability Studies Quarterly**, [S. l.], v. 31, no. 2, 2011.

SASSAKI, K. A. **Universidade e a pessoa com deficiência**. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=18675>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SEALE, J. When digital capital is not enough: reconsidering the lives of disabled university students. **Learning Media and Technology**, [S. l.], v. 38, no. 3, p. 256-269, 2013.

SEALE, J.; COOPER, M. E-learning and accessibility: an exploration of the potential role of generic pedagogical tools. **Computers and Education**, [S. l.], no. 54, p. 1107-1116, 2010.

STOUT, K. S. **Special Education Inclusion**. Madison: Wisconsin Education Association Council, 2001. Disponível em: http://www.weac.org/Issues_Advocacy/Resource_Pages_On_Issues_one/Special_Education/special_education_inclusion.aspx. Acesso em: 10 out. 2012.

TEIXEIRA, F. C.; KUBO, O. M. Características das interações entre alunos com Síndrome de *Down* e seus colegas de turma no sistema regular de ensino. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2008.

UNESCO (coord.) **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades de aprendizagem**. Jomtien. Nova Iorque: WCEFA, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2009.

UNESCO (coord.) **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília, DF: CORDE, 1994.